



Lúcia Simas

## Em comemoração Teófilo Braga (1843-1924) o grande Esquecido



Ao observar a fotografia de Joaquim Teófilo Braga, tirada em 1872, aos 29 anos, vê-se alguém que parece fitar-nos com determinação e serenidade, numa postura distante. Na altura, grandes tempestades da vida já passaram por ele, com uma situação razoavelmente estável e uma vida familiar que se adivinhava feliz e de grande compensação afectiva face aos problemas que as suas lutas políticas e literárias sempre lhe trouxeram.

São poucas as fotos de Teófilo Braga, mas mostram sempre o mesmo rosto sereno e ar confiante na compostura formal em que o olhar incisivo é o que mais se salienta no rosto de quem se confronta com o destino.

Dir-se-ia que qualquer luz num misto de ingenuidade e confiança emana da sua figura, o que não se coaduna com tanto que se escreve a seu respeito. Parece ter parado ali um só instante para logo sair da foto e continuar atarefadíssimo a lida interrompida que foi toda a sua vida.

Ele que foi tipógrafo quando era ainda adolescente, poeta, filósofo, historiador, ensaísta, investigador, professor, político, etnógrafo estudioso haver hiatos, contradições, dificuldades, uma evolução de pensamento ao longo de décadas em que empreendeu uma obra pioneira de etnografia e tradições populares tanto mais de uma envergadura e abrangência que ultrapassa o que se possa esperar de um só espírito!

Em 1873, o escritor e ensaísta, Gomes Monteiro. Em 1873, José Gomes Monteiro. [i], que muito o admirava e por isso tem de ser lido com critério, visitou-o em sua casa na Travessa de Santa Gertrudes à Estrela, em Lisboa, em 1922, Teófilo Braga, muito envelhecido, vivia completamente só e estava já quase totalmente cego.

Vira o mundo transformar-se, ele que contemplara tantas maravilhas e misérias de um século de mudanças profundas! Apesar de tudo, continuava o mesmo, confiante e combativo, animado por projectos de escrita que poucos, mesmo muito mais novos, teriam a coragem de sequer sonhar empreender. Como já quase nada via, dependia de pessoa para os seus trabalhos e o seu pagamento era para ele uma preocupação muito embora alguns alunos dedicadamente escrevessem o que ele lhes ditava. Teófilo referiu ao ilustre escritor Gomes Monteiro, que muita pena tinha de não poder ver porque assim o estilo da escrita saíria menos burilado.

Foi um escritor incansável e, nos tempos de boa saúde, escrevia mais de 10 horas seguidas com a sua haste de roseira colhida no seu pequeno jardim, aparada com um canivete, amarrada com cordel e transformada em pena de escrita! Quantos escritos valiosos não saíram deste modo da sua mente para o papel!

Se os delatores e críticos severos o castigaram, denegrindo a sua obra, não podemos deixar de constatar com verdade que Teófilo foi o pioneiro da recolha e investigação das tradições e costumes portugueses, - numa linha evolutiva, na continuidade do positivismo de Comte - da infância e maturidade do espírito humano que considerava estar impresso nos escritos de cada época. Haveria assim uma *filogénese e uma ontogénese* das origens e desenvolvimento das ideias. Com todo este trabalho lançava os alicerces para toda e qualquer *História da Literatura* que veio depois a escrever-se em Portugal.

Por certo que foi apressado, contraditório e nem sempre segura a sua pena mas, como tenaz pioneiro, não temos igual no nosso país e, pela sua pertinácia, levou a cabo a obra mais volumosa em prosa literária, histórica, etnográfica e política que tivemos nessa época.

A vida de Joaquim Teófilo Fernandes Braga (1843-1924) foi ao mesmo tempo pobre e carregada de dificuldades, grandiosa e polémica, de uma tenacidade extraordinária onde se misturam a glória e a miséria, ódios e admiração de modo pouco comuns. A vida deste homem foi estranhamente odiado, admirado e esquecido, enaltecido e invejado. Só se poderá entender aceitando que tinha múltiplas facetas e que a luta

pela sobrevivência o tornou amargo, dolorosamente triste e desiludido, mas sem nunca alterar a vontade férrea e o gosto pelo trabalho, pela investigação e pela escrita.

Nasceu na cidade de Ponta Delgada, na freguesia de S. José e a sua vida começou bem cedo a ser tormentosa e infeliz. Sua mãe, chamava-se D Maria José da Câmara Albuquerque, era natural da Ilha de Santa Maria e descendente de nobres famílias. Teófilo seria décimo terceiro neto de Diogo Gonçalves Travassos, aio de D. Pedro e de Violante Velho Cabral, irmã do Comendador de Almourol, Frei Gonçalo Velho, o primeiro a chegar a Santa Maria e, ao que parece, ainda descendendo de Cristóvão Falcão, o poeta. Sua mãe, que morreu aos 31 anos, dos 7 filhos, Teófilo, o mais novo, teria apenas 3 anos. O seu pai, Joaquim Manuel Fernandes Braga, natural da cidade de Braga. Lutara pela causa miguelista, só se rendendo após a “*Convenção de Évora Monte*”. Ficou então sem meios de sobrevivência. Obrigou-se a abrir uma escola de náutica e matemática em Ponta Delgada. Só tempos depois foi nomeado professor régio e mais tarde ainda conseguiu um lugar de professor no Liceu da Graça.

O seu segundo casamento, cerca de dois anos após a morte da primeira esposa, só trouxe arrelia e desgostos aos seus quatro filhos, Luís, João, Maria José e Teófilo. O tenente miguelista teve ainda mais duas filhas, Maria da Glória e Maria do Espírito Santo. A segunda esposa chamava-se D. Ricarda Joaquina Marfim Pereira de quem o pequeno Teófilo guardou as mais infelizes recordações. O próprio Teófilo, já na sua velhice, contava que chegou a levar pontapés ao tentar ser amável e amarrar as botinas da dita senhora. O seu refúgio, triste refúgio este, era chorar junto à campa da mãe onde jurou que venceria na vida e nunca se deixaria invadir pelo desânimo.

Devido às circunstâncias de falta de dinheiro ou apoio familiar, teve de ser, em grande parte, autodidacta com tudo o que isso acarreta de bom e de mau para a educação de um jovem. A biblioteca que podia consultar seria a Biblioteca Pública de Ponta Delgada e provavelmente a do Visconde da Praia, pois seu pai era professor das filhas desse senhor e este foi seu protector nas letras logo bem cedo. Por isso, e porque algum benefício pecuniário lhe podia trazer, Teófilo, mais tarde, irá convidá-lo para seu padrinho quando se propôs para a cadeira de Literatura Moderna que tantos opositores e polémicas venceu até lá chegar. Aí permaneceu quarenta anos a leccionar.

Amadeu Carvalho Homem “*A ideia republicana em Portugal. O contributo de Teófilo Braga*” (Coimbra, 1989) interroga-se sobre as primeiras influências espirituais e intelectuais do jovem Teófilo e podemos ver que foram muitas e variadas. É curioso notar como, até mesmo a música sacra, deve tê-lo marcado já que o compositor, **Padre Joaquim Serrão**, chegado de Setúbal (1840) à cidade de Ponta Delgada deslumbrara os micalenses com a sua música esplendorosa e barroca que tinha tanto de cénica como de grandiosa ao ponto de deixar se tocar nas igrejas. As suas *Matinas a Nossa Senhora da Conceição*, entre outras composições, ficaram célebres e, por muito tempo foi recordado o compositor que conquistou a Ilha e espalhou o gosto pela música sacra e a sua divulgação. Como é natural, enquanto criança, Teófilo teria escutado essa música, não esqueceria a sua harmonia, e, muitas vezes, em cartas familiares se refere à música como um bálsamo e um meio de “*suavizar a alma*”.

### NOTAS

[i] Monteiro, Gomes, *Vencidos da Vida – Relance literário e político da segunda metade do século XIX*. Ed. Romano Torres. Lisboa, 1944

[ii] Dias, Urbano de Mendonça, - *Literatos dos Açores, Vila Franca do Campo, 1933*, pp. 113-127.

[iii] Homem, Amadeu Carvalho, - *Teófilo Braga, Cartas a Maria do Carmo Barros Leite, (1864-1909), Prefácio, Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, 1994*, pp.13-20.

[iv] Dias, Urbano de Mendonça, - *ob. cit. pp. 114-115*

[v] Homem, Amadeu Carvalho, - *ob. cit. .13-20.*

Continua